

GZe-ditora nº11

1936



A Guerra Civil na Galiza:

o descubrimento das valas comuns
e os romances da Guerra Civil
como contra-discursos do
esquecemento imposto

John Patrick Thompson



A
G
A
L



ASSOCIAÇÃO
GALEGA
DA LÍNGUA
www.agal-gz.org

John Patrick Thompson*

A Guerra Civil na Galiza¹: o descobrimento das valas comuns e os romances da Guerra Civil como contra-discursos do esquecimento imposto.**

Resumo: Este artigo examina três fenómenos inter-relacionados da Guerra Civil espanhola com ênfase na Comunidade Autónoma da Galiza. A primeira parte explica a natureza da tomada fascista da Galiza em Julho de 1936 e assinala o papel crucial desta comunidade para ajudar a Franco a ganhar a guerra. As cicatrizes deixadas pelo fascismo na Galiza manifestam-se hoje através, por exemplo, da popularidade do governo do PP de Manuel Fraga, um dos últimos fascistas vivos a governar na Europa. A segunda parte do artigo analisa os efeitos que a actual exumaçom de valas comuns em todo o Estado está a ter na memória colectiva de Espanha. Este descobrimento de factos e memória histórica suprimida está a polarizar as duas Espanhas que o Pacto de Esquecimento (imposto durante a Transiçom à democracia) tentou unir. A última secçom do artigo explora a funçom benéfica da narrativa de ficçom escrita sobre a Guerra Civil para transmitir os factos e a memória deste acontecimento traumático. Muitos romances oferecem quadros orientados à praxe que podem ajudar a Galiza e o resto de Espanha a superar e marginalizar a ideologia franquista, que ainda permanece como parte das principais tendências sociais.

Palavras chave: Fascismo; Memória; Romances da Guerra Civil; Galiza; Século XX.

*John Patrick Thompson é Professor Associado de Espanhol na *Montana State University* e obteve o seu Doutoramento pola *Universidade de Michigan* em Ann Arbor com umha tese intitulada: *Galizan Civil War Novels: Recuperating Historical Memory for (Re)building Democracy in the Present and Forging a National Identity* (2003). É autor de *Tango of a Lost Democracy and Women's Liberation: An Analysis of Maria Xosé Queizán's Feminist theory and her novel Amor de tango* prestes a aparecer no *Bulletin of Spanish Studies*.

**Este artigo foi publicado originalmente em inglês na revista *Iberoamericana*, V (2005), pag. 75-82

¹ Escolhi utilizar “Galiza” e “Galizan”, diferentes das grafias oficiais do inglês, “Galicia” e “Galician”, dado que o inglês tomou o nome desta comunidade do espanhol. “Galiza” acha-se nos textos fundadores escritos na língua galego-portuguesa, mas foi gradualmente substituído por “Galicia” à medida que este reino foi governado, praticamente desde o seu começo, pola coroa de Leom-Castela. Ainda que “Galicia” tem sido o nome na normativa oficial, *o galego oficial*, desde a sua institucionalizaçom em 1982, a recentemente aprovada *normativa da concordia* (Julho 2003) já aceita “Galiza” mas só para um uso literário; “Galicia” continua a ser o termo oficial para todos os outros usos. O meu objectivo detrás de promover “Galiza” em inglês segue o de muitos galegos que também utilizam “Galiza” em todos os contextos. O meu objectivo é chamar a atençom para a diferença lingüística e cultural desta comunidade (ou naçom) do Estado Espanhol. Em *O Galego (Im) possível* Rodrigues Fagim analisa as semelhanças lingüísticas entre o galego e o português, e alude a um valioso estudo de Montero Santalha, que mostra a progressiva substituiçom de “Galiza” por “Galicia” nos textos judiciais do começo da Idade Média: “O estudo de Montero Santalha documenta Galiza de forma sistemática nos textos literários que vam de meados do século XIII a fins do século XV. Polo contrário, naqueles outros de carácter jurídico aparecem 30 vezes Galiza e 7 vezes Galicia no período entre os séculos XIII-XIV. No segundo período, séculos XV-XVI, o panorama é outro: 5 vezes Galiza e 34 vezes Galicia. Isto é, simplesmente, um reflexo fidelíssimo do que sócio-culturalmente se passou naquela altura. Nos séculos seguintes, a Galiza só lhe restou desaparecer” (2001: 168).

Apesar da pletora de bibliografia (tanto espanhola como estrangeira) gerada sobre a Guerra Civil espanhola, muito pouco se tem dedicado à Comunidade Autónoma da Galiza –um fenómeno irónico dado, por um lado, a proeminente liderança desta comunidade durante a República e, por outro lado, o seu rol fundamental na vitória de Franco. Galiza, há consenso sobre isto, simbolizou a República no facto de que certas figuras políticas chave de todas as ideologias eram galegos: Daniel Alfonso Castelao, membro do Partido Galeguista, encarnou a força que moveu o estatuto de autonomia da Galiza; Santiago Casares Quiroga, membro de Izquierda Republicana, era o presidente do Conselho de Ministros, a segunda posição política mais importante depois do Presidente da República; Portela Valladares, era uma figura proeminente do centrismo; Calvo Sotelo, o membro mais destacado do partido reaccionário Renovación Española, tornou-se o proto-mártir fascista depois do seu assassinato num crime de estado sucedido pouco antes do levantamento militar; e finalmente, o próprio Franco era de Ferrol. Galiza, como se dizia naquela altura, deu à Guerra Civil traidores, mártires e salvadores. Neste artigo começo explicando a natureza da rápida tomada fascista da Galiza em Julho de 1936. Analiso, a seguir, o actual descobrimento de valas comuns em Espanha e relaciono, na última secção, estes eventos com o rol de “descobrir” a memória traumática que os romances da Guerra Civil (e, mais concretamente, os romances galegos da Guerra Civil) têm estado cumprindo no lugar da iniciativa política.

A Guerra Suja e o Tributo de Sangue da Galiza

Galiza nom acolheu uma guerra no senso convencional de uma frente de batalha bem definida e duas forças armadas em conflito. O que tivo lugar constituiu o que chamaríamos hoje uma guerra suja, como as que houve nos anos 70 e 80 na América Latina; ou bem, em palavras de Ramón Villares, “uma guerra xorda”². Logo que o levantamento triunfou na Galiza (em cinco dias ela tinha caído completamente nas mãos dos rebeldes), esta comunidade tornou-se a retaguarda das forças fascistas e serviu a Franco, em palavras do General Cabanellas, como “despensa y criadero”, fornecendo tanto comida quanto soldados. Durante os três anos da guerra, estima-se que os franquistas assassinaram aproximadamente 5.000 dissidentes políticos³, ao tempo que silenciavam a maioria das testemunhas vivas. O mais provável é que devido a este factor Galiza tenha permanecido, até recentemente, relativamente invisível no conjunto da Guerra Civil espanhola. Por outras palavras, a ausência de frentes de batalha nesta comunidade durante a guerra tem obstruído a transmissão da memória histórica muito mais do que noutros lugares.⁴

Além do triunfo imediato das forças de Franco, outro factor crucial que contribuiu para a massiva repressão foi a situação geo-estratégica da comunidade. Ao contrário de outras regiões, onde a instabilidade das fronteiras durante as primeiras fases do conflito (como no norte de Castela

² Ramón Villares, entrevista pessoal, 17 de Julho de 2002. O adjectivo “xordo” (sordid em inglês) significa tanto o aspecto do silenciamento da repressão, quanto a sua natureza sórdida (o cognado inglês de “xordo”).

³ Este é o número que Bieito Alonso cita na *Historia de Galicia* (1996: 271). Fernández Prieto também utiliza a cifra de Alonso (1993: 51).

⁴ Marc Wouters descreve o vazio de informação que inevitavelmente deixou a Galiza fora do campo das investigações da pós-guerra: “Con movimientos de tropa e subministro de munición, roupa e patacas non se describe unha guerra. O sufrimento non queda reflectido debidamente nas poucas fontes de que dispomos” (1993: 8).

ou na Andaluzia ocidental), permitírom os anti-fascistas escapar à repressom, Galiza ficou totalmente selada: o oceano nom ofereceu escapatória para muitos; o ocidente das Astúrias, que se estende de norte a sul ao longo da fronteira oriental da Galiza, caiu imediatamente nas maos dos falangistas de Franco; no sul-leste, no Berço, os militares rebeldes também tinham triunfado; e no sul, o Portugal de Salazar, leal a Franco, também impediu os exilados políticos de procurarem asilo. O historiador galego Lourenzo Fernández Prieto descreve como este isolamento geo-estratégico e a tomada militar da Galiza “convierte al país en una ratonera sobre la que se ceba una represión que tiene diferentes fases y adopta variadas formas, de las más evidentes y brutales a las más sutiles y administrativas” (1993: 50-51).

Neste artigo Fernández Prieto dá conta das peculiares características da repressom fascista na Galiza e, o que é mais importante, como esta repressom ainda se manifesta hoje na consciéncia colectiva. Em palabras desde estudioso, a guerra: “tiene consecuencias que llegan hasta el presente en la mentalidad colectiva y que contribuyen a explicar la actual relación del gallego con la política o las formas de su manifestación pública. Porque aquella represión modificó actitudes sociales aprendidas como normales y connotó negativamente, casi como enfermedad social peligrosa, lo que antes no lo era: la asociación, por ejemplo”. (51)

Segundo este autor, o triunfo inmediato das forças fascistas na Galiza, deixou cicatrizes mais fundas nos galegos do que as deixadas noutros lados de Espanha que resistírom o primeiro levantamento fascista: “Las condiciones de esta guerra confieren, por lo tanto, unas características peculiares a la represión en Galicia, haciendo que su reflejo en la mentalidad colectiva y sus consecuencias sociales a largo plazo sean más radicales y profundas” (51).⁵

O estigma da Galiza como passiva e domável tinha existido muito antes de Julho de 1936, mas a quase imediata tomada desta comunidade ao estourar a guerra forneceu ao aparelho de propaganda franquista um exemplo de primeira qualidade para re-alimentar o seu estereótipo de um povo que eles afirmavam ser inerentemente dócil e mesmo agradecido pola intervençom. Os dous principais franquistas galegos que primeiro escrevêrom sobre a guerra quando terminou fôrom o falangista Luis Moure Mariño e o sacerdote, Silva Ferreiro. O primeiro afirmava que “uno de los mayores méritos de Galicia fue la naturalidad con la que se sumó al movimiento [...] se sumó al alzamiento de una manera espontánea, sencilla y rebosante de naturalidad” (citado in Fernández Santander 2000: II, 731). Esta percepçom ainda se mantém firme na ideología de muitos políticos e de muita gente da rua a pesar do facto de que há estudos que provam que esta comunidade, com muita diferença, nom aceitou de boa vontade o golpe dos falangistas de Franco. A Frente Popular tinha ganhado as eleiçoms decisivamente no 16 de Fevereiro de 1936 e mais de dous terços dos galegos tinham votado a favor do Estatuto de Autonomia no 28 de Junho desse mesmo ano, menos dum mês antes do levantamento⁶.

⁵ De acordo com esta ideia, Luca de Tena and Carballa descrevem esta pós-guerra imediata na Galiza como “((o)s corenta anos foron para Galiza corenta e tres anos, con particularidades raramente atendidas na bibliografía do caso” (1987: 4).

⁶ O romance da Guerra Civil de Fernández Naval *O bosque das antas* proporciona umha passagem que descreve o período pré-Estatuto em que os republicanos tais como o personagem Claudio Naval (que representa o avô do autor) [...]repartírom propaganda pedindo ao público que votase a favor do Estatuto: “Logo dos discursos, dos eslogans entusiastas, de tocá-lo himno que ninguén coñecía e que algúns tentaban bailar, el repartía oitavilas que chamaban ás urnas e a votar “SI” como medio para conquistar un novo país e Asún prendía bandeiriñas que ela mesma facía, coas cores azul e branca nas lapelas da xente. Gañou rotundamente a vontade de se autogobernar, mais de pouco valeu. Os

O descobrimento das valas comuns na Espanha

As consequências psicológicas do terror fascista da guerra e da ditadura som especialmente dramáticas nas aldeias, onde as testemunhas que ficam da guerra estão, em geral, aterrorizadas de falar sobre a repressão que eles, ou outros que eles conhecem, sofreram. O pacto de esquecimento e o tabu que impuço reviver a memória histórica não tem evitado esta situação em absoluto. Aos olhos de muita população rural – a maioria dos quais não têm acesso ao mundo artístico que, como dizem acima, tem mantido a memória viva – o sistema democrático não tem mudado significativamente desde o regime fascista. A maioria dessa população rural, como os testemunhos têm revelado, ainda têm medo de falar sobre a guerra e denunciar os crimes passados porque temem que as autoridades actuais causem dano a eles e aos seus seres queridos.

Felizmente, esta cortina de medo está a começar a se desintegrar graças ao descobrimento das valas comuns, que a Associação para a Recuperação da Memória Histórica tem levado a cabo desde há mais de três anos. Emilio Silva, um dos fundadores da Associação, tinha passado anos procurando o seu avô republicano desaparecido, e finalmente descobriu o seu cadáver em Outubro de 2000 numa vala comum na região do Berço em Leom. Mas este acontecimento não quebrou a inclinação dos meios a suprimirem a memória histórica. Não foi até Junho de 2002, ano em que a Associação começou a descobrir outra vala comum na mesma região, que contém mais de trinta cadáveres, que os meios cobriram o evento. Finalmente, depois de trinta anos de democracia, o pacto de esquecimento tinha começado a dissipar-se, e imagens de crânios com furos de bala e de esqueletos amontoados uns acima dos outros mostraram aos espanhóis e ao resto do mundo que ainda há que acertar as contas com a tragédia espanhola causada pelo fascismo.⁷

A Associação já está a tentar averiguar onde se localiza cada vala para as descobrir e dar aos desaparecidos enterramentos dignos. Têm localizado mais de quarenta em toda Espanha e estimam que há mais de trinta mil corpos não identificados.

Ainda que este acontecimento catalisou os sectores progressistas de toda Espanha para começar a encarar o passado (incluindo o PSOE, que até recentemente tinha mostrado pouco interesse em visitar o passado), o partido de direita, o Partido Popular (PP), e os seus filiados mostram-se pouco receptivos a continuarem a exumar a verdade histórica. De facto, eu descobri em Julho de 2002 quando me achava em Espanha fazendo pesquisa para a minha tese⁸ que não todos os meios trataram destes eventos das valas comuns. Quando cheguei a Compostela no começo de Julho, imediatamente relatei esta questão com os romances da Guerra Civil, e assim decidi levar a cabo um mini-projecto de investigação sobre estas exumações. Li os diferentes jornais diários espanhóis e galegos durante o mês de Julho para ver como eles cobriram, se é que o fizeram, estes acontecimentos. Eu descobri que enquanto os jornais mais progressistas, como *El País* e o jornal galego *La voz de Galicia*

poucos días, uns militares con ambición histórica, iniciaban en África unha aventura que remataría nun tráxico e inútil enfrentamento civil. En Galicia non houbo fronte de batalla. Entregada ós golpistas, desencadeouse unha represión animal, causante de mortos, exilios e fuxidos” (1989: 50).

⁷ Estes eventos foram cobertos aqui nos Estados Unidos pela *National Public Radio* em Dezembro de 2002 e o *New York Times* no artigo “Os espanhóis finalmente confrontam o fantasma de Franco” publicado no 11 de Novembro de 2002: A3.

⁸ Thompson (2003).

coabriram as exumaçons regularmente, os principais jornais associados à direita (*ABC* e mais *El Mundo* a nível nacional, e *El Correo Gallego* na área de Compostela) silenciavam-nas completamente. *ABC* foi mesmo tam ousado como para publicar –no cinco de Julho, quando as exumaçons estavam a ser extensamente cobertas polos meios progressistas- um artigo sobre a descoberta de cráneos do *homo erectus* em Dmanisi, Geórgia. O artigo, que mostra fotografias dos cráneos em diferentes ángulos, deve ter tido a intençom de, quer desviar a atençom do público das imagens de cráneos da vala comum do Berço, quer tentar que o leitor associasse os cráneos das vítimas do fascismo com as do *homo erectus* as quais, incidentalmente, como o artigo assinala de modo evidente, nom tinham um cérebro tam grande como o do *homo sapiens*.

As Naçons Unidas estám a ajudar a Associaçom para a Recuperaçom da Memória Histórica a conseguir o seu objectivo de descobrir os túmulos, mas a sua jurisdiçom restringe-se a aqueles casos de atrocidades cometidas depois de 1945, quando esta entidade foi fundada. Ainda que o Partido Popular finalmente condenou a ditadura franquista em Novembro de 2002, rejeitou pouco depois umha proposta da oposiçom de destinar um milhom de euros ao descobrimento dos túmulos. No entanto, o Partido Popular oferece um generoso apoio económico a umha fundaçom gerida pola família Franco, a qual –como Scilino e Daly afirmam em “Os espanhóis finalmente defrontam o fantasma de Franco” – “é acusada de restringir o acesso dos historiadores a uns 27.000 documentos públicos e privados” (A.). Estes exemplos do desinteresse da direita em defrontar o passado mostram que Espanha está longe de superar as suas divisons políticas, e que a ideologia fascista nom tem sido ainda vencida. Na Galiza, o presidente da Comunidade Autónoma, Manuel Fraga, nom só continua a ser um admirador declarado de Franco, mas também escreveu um epílogo elogioso para o livro *La mentira histórica* (1994), que nega o Holocausto e o genocídio de Espanha nas Américas⁹.

O pacto de esquecimento foi desenhado para suprimir a memória da guerra e do regime de Franco, mas inerente neste pacto também estava esquecer a República. Ao aceitar a igualdade da culpa, os representantes da esquerda estavam, de facto, admitindo que o seu sistema político tinha falhado e era, em parte, responsável pola Guerra Civil. Essa é a razom por que os artífices da constituiçom, no 1977, evitárom, quase supersticiosamente, copiar nada da anterior constituiçom republicana; E isso explica porquê, ainda que muitos dos nomes e símbolos fascistas do regime franquista tenhem sido gradualmente removidos (ainda que de nengumha maneira todos), os republicanos nom tenhem sido devoltos aos seus lugares. Onde está a Plaza de Azaña em Madrid ou em qualquer outra cidade? O pacto de esquecimento tem apagado qualquer comemoraçom desta figura chave do republicanismo.

Também existe umha amnésia contra o papel político democrático da Galiza a nível nacional espanhol durante a Segunda República (umha funçom que esta comunidade tem perdido drasticamente no presente) com dous partido fortes da esquerda (Izquierda Republicana e Partido Galeguista), e

⁹ Cito do epílogo de Fraga o terceiro parágrafo, parte do quarto, e o último parágrafo: No se ha aprovechado el 500 aniversario y la Exposición de Sevilla para hacer una gran reflexión colectiva sobre todo ello. Ha sido una nueva ocasión perdida. Por ello, hay que agradecer y felicitar a los que sí están dispuestos a hacer su propia reflexión, como el autor de este libro [...] Los juicios sobre el pasado han de ser esperanzas de futuro, y autocríticas para mejorarlo. Creo en el futuro del mundo hispánico, no en un futuro utópico, sino realista, en este valle de lágrimas[...] Nos une el cristianismo, una gran lengua universal, un sentido profundamente humano de la vida. Por supuesto hemos de aprender de todos, pero ha pasado la hora de los complejos. En la era de la postmodernidad podemos enlazar mejor que otros con los nuevos tiempos” (1994: %!). Para críticas interesantes deste livro e do epílogo de Fraga vide Gustavo Luca de Tena (2000); González Gómez (2000) e Núñez Seixas (2000).

figuras prominentes como Casares Quiroga (o representante mais prominente de IR), Castelao (do PG), ou figuras centristas como Portela Valladares. Além disso, das três nações históricas periféricas, Galiza é hoje a única com a dupla anomalia de, por um lado, não ter um partido nacionalista de centro-direita e, por outro lado, nunca ter tido uma formação nacionalista no poder.

Os romances galegos da Guerra Civil como contra-discursos do esquecimento.

O mundo das artes tem constituído o baluarte da memória da Guerra Civil. Artistas, produtores cinematográficos e romancistas têm desobedecido sistematicamente o Pacto de Esquecimento. Aqueles que escrevem romances da Guerra Civil parece que se dão conta, segundo passa o tempo, do vazio que se está a abrir entre, por um lado, as testemunhas que logo têm de passar e, por outro lado, as gerações jovens que são ignorantes de um jeito alarmante da recente história fascista do seu país. Esta é a ideia que Dulce Chacón, quem recentemente publicou o romance da Guerra Civil *La voz dormida* (2002), “Talvez a minha geração sente que deve contar a história agora porque se não o fazemos, os nossos filhos nunca a ouvirão e porque aqueles que ficam para contá-la estão fazendo-se velhos e se não conseguirmos o seu testemunho agora, não o conseguiremos nunca” (A3).

Como transmissores desta memória, os romances da Guerra Civil oferecem quadros conceituais orientados à praxe que podem ajudar a Espanha a transformar o seu futuro. Certamente, os projectos de muitos destes romances consistem em representar a história de jeito genealógico e também de uma maneira imaginativa que inevitavelmente projecta os fragmentos esquecidos e heterodoxos da história no presente e no futuro. Enquanto alguns romances da Guerra Civil mostram exclusivamente a guerra e os horrores do fascismo, alguns deles mostram as realizações democráticas da República e implicitamente convidam o leitor a justapor esta democracia perdida com o actual status político. Tentam explicar os efeitos do fascismo na Espanha de hoje em dia. Por outras palavras, eles contradizem a falácia imposta dumha República imperfeita e retratam este sistema político como o momento mais progressista na história de Espanha. No caso dos romances galegos –os quais pertencem à família da *nueva novela histórica* que tem proliferado durante mais de três décadas em toda Espanha e América Latina – eles esforçam-se por dar fim ao discurso oficial, que afirma que nunca tem a Galiza vivido um momento tão pacífico e de progresso. Certamente, o Partido Popular na Galiza apresenta-se como tendo livrado a esta nação dos padecimentos do seu passado através da modernização. Por exemplo, justo antes das últimas eleições autonómicas em Novembro de 2002, o jornal controlado pelo governo, *El Correo Gallego*, publicou dois artigos pro-PP na página de *opinión*. O título do primeiro diz “Ningún tiempo fue mejor” e o do outro, escrito por Manuel Fraga, diz “Desafíos na Galicia do novo milenio”. Neste artigo Fraga gaba a sua comunidade por ter superado o primitivismo da sua história anterior, como se o passado fosse todo uma amálgama de atraso¹⁰.

Dois romances galegos que recuperam a memória da Guerra Civil e se esforçam em revelar

¹⁰ Ele declara no início do artigo: “[P]ara os que conhecemo-la Galicia da primeira metade do século XX non resulta difícil apreciar os cambios a esgalla que viviu esta terra, que agora encara com ilusión unha etapa apaixonante”. Perto do fim ele é tão afouto como para proclamar: “Galicia ten unha lingua, unha historia e unha cultura de seu, e acadou o máis elevado volume de autogoberno que ningún devanceiro foi quen de imaxinar. Recuperámo-la fachenda que nunca se debería trer perdido e dispoñemos de instrumentos cos que crea-las condicións máis favorables para afrontar o futuro”. Ele então acaba afirmando que as bases para este progresso estão já postas no seu lugar: “Os alicerces sobre os que se edificará esa puxante realidade están xa construídos” (2001:3)

esta falácia de “nunca houve um tempo melhor que agora” som *Pensa nao* de Anxo Angueira e *Amor de tango* de Maria Xosé Queizán. Estas duas docu-ficções dedicam a maior parte do seu texto a retratar as realizações democráticas da República com a sua efervescência social e política, e descrevem a chegada do fascismo não só como a destruição das pessoas, mas também dum sistema que, apesar dos seus defeitos, forneceu os alicerces para uma sociedade igualitária e democrática. Tentam mostrar que os anos da República foram, de muitas maneiras, mais progressistas que a sociedade actual. Em *Pensa nao*, por exemplo, o autor –que utilizou investigações históricas recentes sobre as comunidades rurais durante a República– descreve, através do seu narrador em terceira pessoa, os avanços tecnológicos e agrícolas que Galiza estava a viver. O romance retrata uma sociedade que está a abrir-se ao mundo e abraçando o progresso. A tomada fascista é então descrita como revogando todas estas realizações tecnológicas e democráticas. *Amor de tango*, que apresenta o progresso da República dum ponto de vista urbano, oferece uma perspectiva feminista mostrando as misérias das mulheres trabalhadoras numa sociedade patriarcal. Apresentando a República perdida como um quadro conceptual valioso para recuperar no presente, estes dois romances criam uma prática adicional para o presente e o futuro político da Galiza. Particularmente com o romance de Angueira, o leitor fica com a ideia de que a comunidade galega tem o potencial para ser auto-suficiente e autónoma da Espanha. A ideia de reconstruir a nação galega utilizando a República perdida como conceito utópico torna-se, pelo menos na aparência, uma realidade possível.

Em Junho de 2002 quando o descobrimento da vala comum do Berço quebrou o silêncio imposto pelo pacto de esquecimento, eu creio que os romancistas de toda a Espanha que escreveram sobre as trágicas consequências da Guerra Civil viram o seu sonho colectivo começar a materializar-se: a sua memória escrita estava finalmente a inundar a esfera pública mediante imagens literais de crânios e esqueletos. A exumação da história através de palavras e conceitos está agora a ter lugar em acções físicas que alcançam a aqueles que não lêem. Mas a leitura é a chave essencial para aprender os sucessos democráticos da República e os horrores do franquismo; e os romances permitem o leitor experimentar o passado vicariamente e entrar no mundo das emoções, aparentemente ausentes no texto histórico. Os romances da Guerra Civil agem, poderíamos dizer, como máquinas do tempo para viajar a um período histórico que os poderes fácticos tentam varrer debaixo do tapete. Talvez o recente descobrimento dos túmulos incite a camadas mais amplas da população a ler; particularmente, às gerações mais jovens.

Bibliografía

- Angueira, Anxo (1999): *Pensa nao*. Vigo: Xerais.
- Beceiro, Juan Luis (1994): *La mentira histórica desvelada: ¿Genocidio en América?* Madrid: Ejearte.
- Alonso, Bieito (1996): "Idade contemporánea (século XX)". In *Historia de Galicia*. Vigo: Promocións Culturais Galegas, pp 237-280
- Chacón, Dulce (2002): *La voz dormida*. Madrid: Alfaguara.
- Fernández Naval, Xosé Francisco (1989): *O bosque das Antas*. Vigo: Xerais.
- Fernández Prieto, Lourenzo (1993): "Represión franquista y desarticulación social en Galicia. La destrucción de la organización societaria campesina. 1936-1942". In: *Historia Social*, 15, pp. 49-65.
- Fernández Santander, Carlos (2000): *Alzamiento y guerra civil en Galicia (1936-1939)*. Sada-A Coruña: Edicións do Castro, 2 vols.
- Fraga Iribarne, Manuel (1994): "Epílogo". In: Beceiro, Juan Luis: *La mentira histórica desvelada: ¿Genocidio en América?* Madrid: Ejearte, p. 591.
- (2001): "Desafíos na Galicia do novo milenio". In: *El Correo Gallego*, 25 de Julho, p.3.
- González Gómez, Xesús (2000): "Fraga, Becerro e os asasinados da memoria". In: *A Nosa Terra*, 11 de Maio, p.6.
- Luca de Tena, Gustavo (2000): "Fraga felicita ao autor do libro que nega o xenocidio nazi sobre o povo xudeo". In: *A Nosa Terra*, May 11, p. 5.
- Luca de Tena, Gustavo/Carballa, Xan (1987): "Introduction". In: *O 36 na Galiza*. Vigo: Promocións Culturais Galegas, pp. 4-5.
- "Ningún tiempo pasado fue mejor". In: *El Correo Gallego*, July 25, 2001, p. 3.
- Núñez Seixas, Xosé M. (2000): "O Holocausto e Fraga: Do negacionismo enxebre". In: *Tempos Novos*, Sept., 40, pp. 46-54.
- Queizán, Maria Xosé (1992): *Amor de tango*. Vigo: Xerais.
- Rodrigues Fagim, Valentim (2001): *O galego (im)posível*. Compostela: Laiovento.
- Sciolino, Elaine/Daly, Emma (2002): "Spaniards at Last Confront the Ghost of Franco". In: *The New York Times International*, Nov. 11, p. A3.
- Thompson, John Patrick (2003): *Galician Civil War Novels: Recuperating Historical Memory for(Re)Building Democracy in the Present and Forging a National Identity*. University of Michigan: Diss.
- Wouters, Marc (1993): "Introduction". In: Wouters, Marc (Ed.): *1936: Os primeiros días*. Vigo: Xerais.

A presente edición de
***A Guerra Civil na Galiza: o descubrimento
das valas comuns e os romances da Guerra Civil
como contra-discursos do esquecemento imposto***
é distribuída pola **GZe-ditora**
projecto editorial electrónico da
Asociación Galega da Língua (**AGAL**),
inserido no **Portal Galego da Língua**
<http://www.agal-gz.org>

Títulos publicados:

10. *Três contos (e uns trocos)*
9. *Mares de Queijo*
8. *Breves anotacións sobre a relación Galiza - Portugal na Banda Desenhada*
7. *A sentenza Eichman: A Liberdade de Expressão é mais que uma bandeira*
6. *O "Dia das Letras" no sistema literário galego*
5. *A euro-região económica de Galiza, Norte de Portugal*
4. *Conclusons do "I Fórum da Língua"*
3. *A Guerra Santa, e Petroleira, de Bush Filho*
2. *Declaração da Independência dos Estados Unidos*
1. *Cantares Vaqueiros*
0. *Temporada das Letras*



Título original: *The Civil War in Galiza, the Uncovering of the Comon Graves, and Civil War Novels as Counter-Discourses of Imposed Oblivion*

Traduçon: Francisco José Campos Devesa

Coordenaçon editorial: Valentim R. Fagim

Concepçon gráfica: Miguel R. Penas